

QUEBRA DE TABU: O MITO DA MENSTRUÇÃO PARA MENINOS E MENINAS DO ENSINO MÉDIO

Raphael Viana de Paula Leite¹ Vitória Pereira Firmino², Orientador - Paulo Henrique Azuaga Braga¹

Instituto Federal de Educação de Mato Grosso do Sul – Campo Grande – MS

raphaelviana2002@gmail.com¹, vitoriafirmino87@gmail.com², orientador paulo.braga@ifms.edu.br¹

Área/Subárea: Multidisciplinar

Tipo de Pesquisa: Científica

Palavras-chave: Menarca, adolescentes, IFMS.

Introdução

A menstruação baseia-se em um instintivo sangramento natural do útero, onde é liberado através da descamação das paredes internas uterinas. São diversificados e dúbios os significados concedidos à menstruação (BRÊTAS *et al.*, 2012), no decorrer das culturas e povos e a mesma permanece sendo um assunto tabu na maioria das culturas, comunidades e famílias criando um meio de propagação de alguns mitos. (AMARAL, 2003)

A adolescência é considerada como uma fase de transição que se caracteriza por várias alterações, e é um período onde não são mais crianças, muito menos adultos, nesse período é desenvolvido seu universo simbólico, onde os valores são apreendidos, sendo possível desenvolver ou extinguir seus preconceitos. (VIGARELLO. 1996)

Sendo objetivo deste trabalho verificar os casos de tabu e a persistência dos mitos da menstruação entre os estudantes de ambos os sexos do IFMS campus Campo Grande.

Metodologia

Efetuamos um estudo observacional com componente analítico, com recolhimento de dados prospectiva, na forma de roda de conversa, que favorece a emancipação humana, política e social dos adolescentes e busca uma análise qualitativa ao mesmo tempo que oferece um protagonismo aos participantes. (SAMPAIO *et al.*, 2014)

Definiu-se como população pesquisada os adolescentes estudantes do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Campo Grande, as rodas de conversas foram realizadas no segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019. Os resultados foram obtidos por meio de 05 questões semiestruturadas, sendo permitido que os componentes dos grupos de discussão, respondessem aos questionamentos da forma que achar mais conveniente, após as respostas poderia haver debate, os grupos foram separados por sexo, para deixar os adolescentes mais a vontade para discutir a temática. Não houve influência do entrevistador(a), garantindo o anonimato e a confidencialidade dos dados obtidos. Como os participantes não serão identificados, será utilizado M para as alunas e H para os alunos. Definiram-se como critérios de participação, voluntários com participantes de cada turma de cada sexo.

Resultados e Análise

A menstruação não é simplesmente um fato natural, mas um fato social, marcado pela cultura e idealizações construídas no decorrer das épocas sobre os corpos femininos, e particularmente sobre a menstruação, inseridas num contexto social e cultural mais amplo. A vergonha, a cautela e acanhamento estão ligados a marca da feminilidade. A Menarca é a primeira menstruação que encaminha a menina para a função de reprodutora. A falta de diálogo e educação sexual faz com a menarca seja um assombro vivido, na maioria das vezes, no medo e na vergonha (FÁVERI, 2007). Como nos casos analisados:

Entrevistadora: “*Como foi sua primeira menstruação?*”

M9: “*Eu tinha apenas 9 anos quando aconteceu, eu acordei e tava tudo sujo, minha cama tava toda suja, eu acordei e pensei que ia morrer.*”

M10: “*Eu fui no banheiro e aí eu falei ‘Meu Deus, eu me cortei’ porque tinha muito, muito sangue, acho que eu tinha 11 anos e a minha mãe não tava em casa.*”

Em um total de 16 meninas, apenas uma afirmou que sua menarca foi um evento tranquilo. E metade das meninas presentes nas rodas de conversas não sabiam o que era menstruação antes da menarca. Como visto nos casos abaixo:

Entrevistadora: “*Você não sabia o que era menstruação?*” e no grupo dos homens: “*O que sabe sobre menstruação?*”

M2: “*Nada. Aí depois de muito, muito tempo eu falei pra minha mãe, no dia, depois de horas ela falou ‘fica aí no banheiro’ aí ela veio com um absorvente né, ela me ensinou a colocar e não falou nada, não falou que ia vir de novo, eu pensei ‘ah nunca mais vai acontecer.’*”

H3: “*Não sei nada, minha mãe até escondia os absorventes dela e deixava fechadinho com medo d’eu ver.*”

A cultura da menstruação está delineada quase sempre nas relações de segredo entre mãe e filha (FÁVERI, 2007).

M11: “*Às vezes a mãe bota na sua cabeça, ‘filha esconde, não mostra pra ninguém, isso é feio’, e aí fica na sua cabeça martelando, é feio, é feio. Às vezes eu gritava ‘mãe traz um absorvente pra mim’ e ela ficava tipo ‘Tem um homem aqui’*”.

M14: “*Eu acho que é muito da criação. porque sempre isso foi visto como uma coisa imunda, é um sangue sujo, mas é uma coisa normal. a gente tem essa vergonha por todo um contexto social, todo um machismo.*”

H4: “*É incrível como minha mãe age naturalmente tipo ela está conversando comigo e colocando o absorvente.*”

A noção do que é sujo ou limpo é produzida na cultura (VIGARELLO, 1996). A análise das nossas entrevistas reproduzem representações da menstruação coladas à noção de sujeira, e isso remete a uma lógica ampla de entender o corpo feminino como sujo. Para justificar esse sentido atribuído ao mênstruo, alguns(as) argumentam que sentem um odor desagradável, percebemos que o tal odor produz sentimentos de aversão nessas meninas. Em 16 meninas, apenas uma sabia explicar a real razão para o cheiro da menstruação.

M4: “*Esses dias eu estava na cantina, de repente veio aquele cheiro e eu, que cheiro é esse?. E eu fico meio sem saber, e quando vem assim, aí eu fiquei, ‘nossa que cheiro é esse?’ Aí quando eu fui ver tava tudo manchado, a cadeira, a minha calça, ‘e agora gente? Como é que eu vou embora?. Meu Deus que vergonha’.*”

E, aqui, estabelece-se uma relação de poder afirma Fáveri (2007), posto que as mulheres se diferenciam dos homens na medida em que elas aprendem que devem temer o olhar deles, esconder, recar. Essa maneira de construir papéis pode ser uma maneira de estabelecer relações de poder: às moças cabe a vergonha do corpo, o medo do olhar dos homens. Observação também obtida em algumas resposta:

M3: “*É uma forma deles rebaixarem a gente, dizendo que não é normal, eu acho que eles sentem nojo.*”

M10: “*Meu pai ficou incomodado, todo homem se você fala, vai lá comprar absorvente no mercado, ele já fica, hum vou lá comprar absorvente o que os caras vão pensar de mim?*”

H1: “*Olha eu acho que não transaria com a menina menstruada. Imagina, você está lá e tals, daí começa a jorrar sangue e sua barriga fica toda cheia de sangue, que nojo!*”

A adolescência é uma fase marcada pela busca de uma identidade adulta, mas não somente isso, para Brêtas *et al.* (2011) o adolescente inicia o processo de resolução de sua identidade sexual, que são as características mentais do sexo que lhe corresponde. Ao relacionarmos a menstruação com o sexo, obtivemos algumas falas que estão de acordo com esse assunto, como:

M5: “*Meu namorado não vê problema em transar quando eu tô menstruada.*”

H11: “*Eu faria sim, é só um lençol, ‘f...-se’. Se ela está com vontade e eu também, eu super faria.*”

Mas também, houve discordância:

H2: “*Acho que não, vai que machuca ela ou algo do tipo, por ela já estar sangrando e tal, imagina fica pior.*”

H7: “*O assunto da menstruação não é banal, mas a partir do momento que começamos a entrar em sexo, fica banal.*”

Homens não nascem prontos, não nascem violentos, nem saem da barriga da mãe sedentos de poder, nem dispostos a "comer todas" usando o sexo como arma contra as mulheres. Os homens são ensinados, dia a dia, em nossa sociedade, a serem assim. [...]. “Por outro lado, essa mesma constatação – os homens são assim porque foram educados para serem assim – nos permite pensar em modos de mexer na equação, buscando um regime de equidade de gênero, uma situação em que homens e mulheres possam conviver com distribuição igualitária de poder.” (SEFFNE, p.16, 2008).

Considerações Finais

Não queremos tentar universalizar o fato de que a menstruação é confidencializada ou ridicularizada, mas observar que mesmo com a diminuição do tabu acerca da menstruação, ainda há uma boa parte da sociedade que exita em debater e questionar os mitos sobre o assunto, principalmente em ambiente familiar e escolar. Sendo assim, verificamos através deste trabalho a necessidade de oficinas e reuniões para discussão sobre a menstruação e os fatores que a cerca. Também analisamos os estereótipos criados de ambos os gêneros, das meninas sobre os meninos e vice-versa. Nosso intuito não é generalizar as situações, pois são meninas e meninos diferentes com histórias diferentes, mesmo que tenham sido criados para não falarem sobre o assunto, decidiram conversar sobre.

Se quebramos o tabu? Bom, debater já é uma quebra...

Referências

AMARAL, Maria Clara Estanislau do. **Percepção e significado da menstruação para as mulheres**. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; TADINI, Aline Cássia; FREITAS, Maria José Dias de e GOELLNER Maila Beatriz. Significado da menarca segundo adolescentes. *In Acta Paul Enferm.* 2012

FÁVERI, Marlene de; VENSON, Anamaria Marcon. **Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Anos 90, Porto Alegre, v. 14 n. 25, p.65-97, jul. 2007.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SEFFNE, Fernando. Gênero, sexualidade, violência e poder. *In Educação para a igualdade de gênero*. Ano XVIII - Boletim 26 - TV Escola. Novembro, 2008.